



“O GOSTO DOS OUTROS” UMA FORMA DE ANALISAR A NOÇÃO DE CAMPO DE PIERRE BOURDIEU

VERGARA, Daniel Luis Moura¹; Magni, Claudia Turra²

¹Estudante do curso de graduação em Ciências Sociais – ISP/UFPEL.
danielsocial@gmail.com

²Orientadora : Prof.^a Dr.^a Claudia Turra Magni – ICH/UFPEL.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca interpretar o filme “O Gosto dos Outros”, de Agnès Jaoui, segundo a noção de campo, elaborada por Pierre Bourdieu. Inspirado nesse referencial teórico, foi possível perceber relações entre o campo científico e o campo artístico, correspondentes aos mundos em que vivem Castella e Clara, os protagonistas do filme.

2. METODOLOGIA

Tomando-se uma obra cinematográfica como universo investigativo, buscou-se analisar algumas contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, amparado em pesquisa bibliográfica nas áreas de sociologia e antropologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trama de “O gosto dos outros”, instiga um olhar sociológico sobre as sociedades, na medida em que põe em cena a atração, a inveja, a curiosidade que podem exercer as referências e práticas culturais dos “outros”, as dificuldades em enfrentar barreiras sociais e as incompreensões suscitadas pelas estratégias de identificação com grupos sociais aos quais um indivíduo não pertence.

Castella, o personagem principal, é um homem de negócios bem sucedido, vive nos subúrbios e é apanhado na rápida mudança dos tempos. Mais por tédio do que por interesse, deixa que a sua mulher, Angélique, o arraste para uma representação da peça de Racine, *Bérénice*. Para sua grande surpresa, fica tão fascinado pelo poder e beleza da atriz principal, Clara, no papel da Rainha, que volta para assistir a peça todas as noites. Paralelamente, por causa de um importante negócio, vê-se obrigado a aprender inglês, quando descobre que a sua professora é Clara. É então que estes indivíduos, pertencentes a mundos opostos, são levados a se reencontrar.

O filme apresenta-nos personagens que geralmente os filmes tendem a esquecer: ótimas atrizes que não conseguem arranjar emprego, mulheres ricas entediadas e sem nenhum bom gosto e atraentes empregadas de bar que não conseguem encontrar o amor. É a história dos gostos de uns e das cores dos outros.

Pierre Bourdieu tinha um projeto intelectual similar. Sua ambição era fundar as bases de uma sociologia do gosto, que, na sua concepção, é "um dos riscos mais vitais das lutas cujo lugar é o campo da classe dominante e o campo de produção cultural" (BOURDIEU, 1979). Noutras palavras, o gosto, em sua relação com a cultura, é a expressão de inserção numa classe. Trata-se de um indicador ainda mais interessante porque não é objeto de nenhum ensino na escola e porque escapa, assim, ao circuito clássico de reprodução das estratificações sociais. O gosto é um indicador muito mais interessante que o capital econômico para captar as sutilezas dos posicionamentos na escala social. No desvalimento desses mecanismos culturais, sociais e simbólicos de dominação, o autor dá à sociologia uma função crítica, capaz de pensar teorias e práticas sociais de forma articulada, numa perspectiva radical e original.

As obras científicas do autor foram elaboradas em torno de idéias-força que tiveram como objetivo articular conceitos maiores, colocados no centro de sua análise da estrutura do mundo e das relações sociais. Três premissas básicas articulam sua produção: o conhecimento praxiológico, a noção de *habitus* e o conceito de campo, que aqui nos atém. De forma genérica, pode-se dizer que Bourdieu substitui a idéia de sociedade pela de "campo" (BOURDIEU, 1990), entendido como espaço social de dominação e conflito onde as relações sociais estão distribuídas na forma de capital, seja ele simbólico ou cultural. Independentemente de sua especificidade, os campos possuem leis gerais invariáveis e propriedades particulares que se expressam como funções variáveis secundárias. Com efeito, os conhecimentos adquiridos com um campo específico são úteis para se interrogar e interpretar outros campos. É justamente nesse nó que se situa a "Teoria dos Campos".

Para o autor, "todas as práticas do campo científico estão orientadas para a aquisição de autoridade científica (prestígio, reconhecimento, celebridade etc.); o que é chamado de interesse por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método etc.) tem sempre uma dupla face" (BOURDIEU, 1997). Os componentes de cada campo desempenham funções para atingir seus objetivos e garantir sua sobrevivência. Na estrutura do campo (hierarquia de posições, tradições, instituições e história), os participantes adquirem um conjunto de disposições para agir de acordo com as possibilidades existentes dentro desta estrutura objetiva, que é chamada por ele de *habitus*. Os conceitos de campo, capital e *habitus* permitem explicar as interações na sociedade.

“A partir dessa noção de campo, para se compreender uma obra, deve-se compreender inicialmente a produção, o campo da produção, a relação entre o campo em que ela é produzida e o campo em que é recebida ou, mais precisamente, a relação entre as

posições do autor e do leitor em seus respectivos campos” (BOURDIEU, 1997, p. 13).

O campo define-se independentemente da consciência humana; não é algo que ocorra no mundo das idéias, é um mundo social como qualquer outro e assim deve ser estudado. O que diferencia os campos entre si são as leis que os regem, e a verdade é o que está em jogo nessa disputa.

Bourdieu faz uma crítica à visão internalista que elimina questões externas para explicar o campo. Para ele, a noção de campo engloba a sua visão interna e também o reflexo da sociedade sobre o mesmo, como um microcosmo relativamente autônomo. Cada campo tem, assim, sua autonomia relativa e hierarquia social, ou seja, cada campo oferece leis sociais específicas. A mais visível autonomia do campo é a sua capacidade de refratar, retraduzindo as pressões ou demandas externas, de acordo com os métodos e conceitos do campo em disputa. A refração está ligada a mudanças sociais e contextuais que modificam teorias, como no caso do campo científico das ciências sociais.

No filme em análise, a relação entre distintos campos fica evidente através dos personagens Castela e Clara, cada qual dominando um campo de atuação - econômico ou artístico. Desde o início, percebe-se uma grande disparidade e disputa entre mundos com interesses antagônicos. Apaixonado por Clara, Castella tenta conquistá-la e para, isso entra em seu mundo, seu espaço de existência, gerando daí um choque entre duas culturas com *habitus* diferentes.

Os interesses empresariais de Castella estavam centrados no campo econômico, mostrando-se incompatíveis com o campo da arte a que pertence sua amada. Apesar de sua vontade em ficar com ela, Castella não consegue esconder seu extremo desinteresse pela arte e só frequenta as aulas de inglês pelo interesse de estar na companhia de Clara. Em uma das cenas do filme, Castella se convida a participar de uma reunião entre os amigos de Clara, na qual se estabelece um debate polêmico sobre as noções de trabalho e arte. A sua opinião, de que arte não estava associada ao trabalho e sim ao lazer, gera contestações que evidenciam as diferenças entre os campos, cada um defendendo seu ponto de vista e demonstrando como cada campo possui suas próprias leis e seus próprios conceitos. Quanto mais científico for o campo, mais autônomo ele será, tendo menos contato com outros campos externos a ele.

O filme apresenta ainda um personagem, Weber, que é administrador da empresa de Castella. Havia grandes conflitos entre eles, pois seu empregado era formado em uma grande Universidade, enquanto Castella, por outro lado, aprendera o ofício na rotina de sua empresa. Apesar de serem de campos iguais, havia o conflito, o interesse profissional de Weber não estava sendo atingindo, na medida em que ele queria ser reconhecido profissionalmente por outros colegas como um bom administrador, o que era impedido por Castella. Isso demonstra como, dentro de um mesmo campo, existem competições, disputas por quem seja o melhor, busca de cargos e posições de mais status.

4.CONCLUSÕES

O contexto abordado neste trabalho traz o dilema de um amor entre pessoas de “campos” diferentes, cujo relacionamento se vê dificultado pela incompatibilidade dos pressupostos que regem esses mundos relativamente autônomos e antagônicos. Apesar dessa incompatibilidade, ao final, uma influência externa ameniza tal refração cultural, viabilizando um destino animador ao casal.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **La distincion: critique sociale du jepement**. Paris. Ed. De Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Que es hacer hablar a un autor? A propósito de Michel Foucault. **Bourdieu, Capital cultural, escuela y espacio social**. Siglo Veinteuno: México. 1997

.JAQUI, Agnès. **O gosto dos Outros**. França, 1999. Filme (108 min.)

VALLE, Ivone Ribeiro. **A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável**. Educação e Pesquisa. **São Paulo, vol. 3, nº1, 2007**.